JORNALISMO ESPORTIVO E ACIONAMENTO DA MEMÓRIA: o “Maracanazo” 20 anos depois

Ronaldo Helal*
Álvaro Vicente do Cabo**

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar o discurso jornalístico sobre a partida entre Brasil e Uruguai na Copa de 1970 na imprensa uruguaia. A narrativa em torno desta partida suscita reflexões sobre a relação entre imprensa, memória e “construção” de rivalidades. Brasil e Uruguai não se enfrentavam em uma Copa desde 1950, em confronto que ficou conhecido no Uruguai como “Maracanazo”, pois a equipe uruguaia sagrou-se campeã derrotando os brasileiros na casa do rival. O que seria uma simples disputa de futebol adquire dramaticidade no discurso jornalístico e serve de subsídio para que investiguemos o olhar do outro e o papel da imprensa na “construção” da memória e de elementos de identidades nacionais. A narrativa sobre a partida Brasil 3 x 1 Uruguai é apenas mais um exemplo de como o futebol pode ser abordado e reconfigurado simbolicamente em um curto espaço de tempo e como ele está presente no senso comum e na memória coletiva das nações.

Palavras-Chave:

Brasil e Uruguai. Imprensa. Memória.

SPORTS JOURNALISM AND THE RECALLING OF MEMORIES: the “Maracanazo” 20 years later

Abstract

The aim of this paper is to analyse the newspapers discourse on the match between Brazil and Uruguay in the finals of the 1970 World Cup in the Uruguayan press. The narrative on this match arises questions on the

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Brasil.

** Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, Brasil.

relationship between press, memory and the “construction” of rivalries. Brazil and Uruguay had not played each other in the finals of a World Cup since 1950, when Uruguayans became world champions by beating the home team in the Maracanã Stadium in an episode which became known as “Maracanazo” in Uruguay. A simple football match assumes the status of a drama in the newspapers discourse and serves as a basis for us to investigate the other one’s vision and the role of the press in the “construction” of memory and of elements of a national identity. The narrative on the match Brazil 3 x 1 Uruguay in 1970 is only one example of how football can be used and symbolically restructured in a short space of time and how it is present in the common sense and in the collective memory of nations.

Keywords

Brazil and Uruguay. Press. Memory.

1. Introdução

A Copa do Mundo de 1970, realizada no México, pode ser considerada um divisor de águas nos torneios mundiais de futebol, já que o Brasil consagrou-se como o primeiro tricampeão e recebeu em definitivo o troféu Jules Rimet, criado pelo terceiro presidente da FIFA e principal articulador do I Campeonato Mundial de Futebol realizado no Uruguai em 1930.

A narrativa em torno da partida Brasil e Uruguai pelas semifinais da Copa de 1970 suscita reflexões sobre a relação entre imprensa, memória e “construção” de rivalidades e identidades nacionais. Brasil e Uruguai não se enfrentavam em uma Copa do Mundo desde 16 de julho de 1950, em confronto que ficou conhecido no Uruguai como “Maracanazo”, pois a equipe uruguaia sagrou-se campeã derrotando os brasileiros em uma partida que enseja na memória coletiva de ambos os países contornos épicos¹ e levou os atletas uruguaiois a condição de heróis nacionais perante a população uruguaia.

¹ Sobre uma análise do significado simbólico da derrota para os brasileiros, ver Perdigão (1986).

A exaltação da raça e bravura do “povo uruguaio” após a vitória de 2x1 na final de 1950 foi extremamente veiculada na imprensa dos dois países². Naqueles tempos, de fortalecimento dos nacionalismos, era comum as seleções servirem como metonímia da nação³. Até os dias atuais existe no imaginário dos uruguaios uma permanência desta imagem metafórica da coragem dos “guerreiros celestes” e ela costuma vir à tona nos confrontos contra o Brasil. Comandados por Obdúlio Varela, conhecido em seu país como “El Gran Capitán”, os uruguaios desafiaram a equipe brasileira no recém construído estádio do Maracanã com cerca de 200.000 pessoas⁴, conquistando um título mundial de maneira incontestável, porém surpreendente para muitos⁵.

No entanto, ao observarmos as estatísticas, constatamos que, a partir da vitória uruguaia na final de 1950, os confrontos entre os dois países, que até então eram equilibrados no número de vitórias para cada seleção, tende a crescer progressivamente a favor do Brasil. Até a final de 1950, haviam sido realizadas 30 partidas, com 13 vitórias brasileiras, 11 uruguaias e seis empates. A final de 16 de julho de 1950 configura a 12ª vitória celeste⁶, e entre esta partida e a semifinal de 1970, foram realizados 17 jogos com 10 vitórias para o Brasil, quatro empates e apenas três êxitos uruguaios.

Isto posto, a diferença no número de vitórias entre os dois países cresceu de um para 11 de 1950 até o início da Copa do Mundo de 1970, com o Brasil conquistando dois títulos mundiais neste período (1958 e 1962), se afirmando como potência futebolística mundial e igualando o número de conquistas em torneios mundiais que possuía o Uruguai⁷.

² A respeito do assunto, ver Cabo (2007).

³ Sobre o esmaecimento do papel da seleção como metonímia da nação nas últimas décadas, ver Helal e Soares (2004) e Helal e Gordon (2002).

⁴ Na época não era possível saber com exatidão o número de torcedores no estádio, mas estima-se que este tenha sido o maior público da história do Maracanã e de todo o futebol mundial.

⁵ Além de estar jogando em casa, a seleção brasileira vinha de duas vitórias por 7 a 1 contra a Suécia e 6 a 1 contra a Espanha, enquanto a seleção uruguaia vinha de um empate de 2 a 2 contra a Espanha e uma vitória de 3 a 2 contra a Suécia.

⁶ A seleção uruguaia é conhecida no seu país como “celeste”, devido às cores do seu uniforme (azul-celeste).

⁷ Antes de 1950, O Uruguai tinha conquistado a Copa do Mundo de 1930, a primeira disputada na história.

Apesar da frieza dos números estatísticos, a rivalidade entre as duas nações e a carga simbólica da final de 1950 são resgatadas com intensidade pela imprensa uruguaia durante o torneio de 1970, principalmente nos dias anteriores à partida semifinal realizada no Estádio Jalisco em Guadalajara no dia 17/06/1970. A memória de uma partida realizada quase 20 anos antes vai influenciar diversas matérias sobre o jogo no jornal “El País”, fonte de nossa pesquisa⁸.

O Jornal “El País” foi criado em 14 de setembro de 1918⁹ e constitui-se no periódico uruguaio com maior circulação. O objetivo principal deste artigo é analisar o discurso jornalístico sobre a partida, buscando entender o papel da imprensa neste contexto de rivalidade e acionamento da memória.

Estamos de acordo com Gastaldo (2006, p.17) quando assinala que “o discurso jornalístico tem características que fazem dele uma das maiores fontes de definição de realidade na nossa sociedade”. De fato, os jornais se tornaram fonte de pesquisadores de diferentes áreas para estudar o tema da construção nacional¹⁰. Conforme colocaram Helal e Soares (2004, p.273-274), “a reflexão sobre o papel da imprensa esportiva como formadora de cultura é fundamental para que possamos observar como os jornais ratificam e constroem mitologias e discursos identitários, apesar da objetividade jornalística que se constitui em um dos pilares da profissão”.

2. O mito de 1950: as narrativas da imprensa uruguaia antes da partida contra o Brasil em 1970

O jornal “El País” enviou para a Copa do Mundo de 1970 seis correspondentes, dentre eles jornalistas esportivos famosos no Uruguai como Efraín Martínez Fajardo, Luiz Esteva Ríos e Carlos Soto, que tinham

⁸ Foram coletados matérias do “El País” no período de 2 a 22 de junho de 1970. O material foi coletado na Biblioteca Nacional do Uruguai pelo pesquisador Álvaro Vicente do Cabo e faz parte de sua pesquisa de dissertação de mestrado no PPGC/UERJ, sob a orientação de Ronaldo Helal.

⁹ Dados extraídos do site www.elpais.com.uy no dia 23/01/2008.

¹⁰ O grupo de trabalho, *Deporte y Sociedad* da CLACSO - Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – coordenado por Pablo Alabarces entre os anos 1999 e 2004 – do qual Helal era membro, tinha a narrativa jornalística como um dos principais objetos de análise para observar como ela se articula na construção das identidades via esporte.

a responsabilidade de escrever um caderno esportivo ““El Pais” – México 70”, principal fonte analisada no presente artigo.

No dia da estréia uruguaia na Copa, frente à equipe de Israel na cidade de Puebla, a capa do caderno esportivo demonstra o sentimento de euforia que o início de um torneio mundial de futebol espalha entre os uruguaiois apresentando a foto dos 11 jogadores com destaque para o goleiro Ladislao Mazurkiewicz e o atacante Luis Cubilla com os dizeres “Uruguay va por otra conquista histórica. Frente a Israel se inicia el momento largamente ansiado”¹¹.

Na mesma data, o correspondente Efrain Farjado escreve um artigo intitulado “Según la Historia Cada Veinte Años a Uruguay le Toca” no qual relata o depoimento de um funcionário mexicano do hotel em que estava hospedado, chamado Armando Bahena, que tinha 26 anos e estava apostando no título uruguaio devido principalmente à vitória de 1950 e à tradição celeste. A declaração do mexicano teria sido:

Yo recuerdo cuando era muy niño, pero con viva impresión por los comentarios de aquella época, la clasificación de Uruguay en Maracaná en el año 50. Creo que un país que ha ganado dos veces la Copa, teniendo tan sólo tres millones de habitantes merece el mayor respeto. Por otra parte a Uruguay le toca cada veinte años, así lo dice la historia¹².

Observemos que o jornalista se utiliza de um relato baseado em uma interpretação cabalística – Uruguai havia conquistado as Copas de 1930 e 1950, portanto, 20 anos de diferença – para reforçar uma tradição vitoriosa. Inclusive, a manchete da matéria é extraída da referida interpretação e pode ser entendida como uma forma de produzir confiança e orgulho na seleção. A “objetividade jornalística” é esmaecida nesta reportagem e o texto possui um cunho mais personalista, com a nítida intenção de se criar um motivo forte para torcer pela seleção baseado nas conquistas do Uruguai, principalmente na vitória contra o Brasil no Maracanã, na final de 1950. Ou seja, mesmo antes da partida que ocorreria entre as duas seleções pelas semifinais, a memória da final da Copa de 1950 é acionada, ainda que timidamente.

¹¹ Jornal “El Pais”, Nº 16.758; 02/06/1970 - caderno esportivo – p.1.

¹² Idem – p. 6

Apesar da vitória na partida inicial por 2 x 0, a estréia da seleção uruguaia ficou marcada negativamente pela contusão de um dos seus principais jogadores. Com 10 minutos de jogo, Pedro Rocha, jogador que fez sucesso em gramados brasileiros com a camisa do São Paulo, saiu com uma lesão nos adutores e não disputou mais o torneio.

As duas partidas seguintes foram, segundo a imprensa uruguaia, apresentações fracas da sua seleção. Empatou em 0x0 com a Itália, em uma partida de baixo nível técnico e poucas oportunidades de gol no dia 06 de julho, também em Puebla. No último jogo da primeira fase contra a Suécia, em Toluca, a equipe uruguaia foi surpreendida quase no final do jogo com um gol de cabeça de Ove Grahan e somente se classificou no saldo de gols, ficando com um de vantagem sobre os suecos.

Em contrapartida, a seleção brasileira apresentou na primeira fase um futebol considerado “exuberante” pela imprensa uruguaia, tendo conseguido três “brilhantes” vitórias, derrotando inclusive a então campeã do mundo, a Inglaterra, por 1x0, e “encantando” os jornalistas uruguaio que cobriam a Copa. Nestas e em outras matérias sobre o selecionado brasileiro, as narrativas são amplamente favoráveis ao Brasil, utilizando-se frequentemente de adjetivos que poderíamos considerar mais opinativos e menos técnicos.¹³

Logo após a primeira rodada, o cronista Luis Esteva Rios afirmava a propósito das seleções que assistira: “El Team brasileño, lo único positivo en buen fútbol”.¹⁴ O mesmo jornalista continua elogiando as exibições do selecionado brasileiro nas partidas posteriores e, após as quartas-de-final,

¹³ Embora a ideologia do jornalismo em geral pautar-se na objetividade da notícia, o segmento esportivo parece permitir um relaxamento do rigor da objetividade que se constitui na ideologia da profissão (SOUTO, 2002). No jornalismo esportivo, a opinião e o julgamento se confundem com a própria notícia. Os jornalistas e colunistas, em geral nesta especialidade, assumem publicamente o clube, os jogadores e técnicos de suas preferências, ainda que, muitas das vezes, lancem mão da retórica da objetividade e do distanciamento na apresentação de suas análises. Para o jornalista esportivo, a dimensão do gosto e do amor pela atividade ainda parecem ser requisitos fundamentais para o exercício deste tipo de especialidade (HELAL e SOARES, 2004). Não é objetivo deste artigo entrar neste debate. Estamos ressaltando, no entanto, o predomínio, nestas reportagens, de um jornalismo mais opinativo em detrimento de uma busca de narrativas mais “objetivas”.

¹⁴ Jornal “El País”, Nº 16.761; 05/06/1970, p. 1. O Brasil havia vencido a Tcheco-Eslováquia por 4 a 1.

que foi disputada contra a seleção peruana, escreve uma crônica abaixo da manchete principal que estampava “Brasil eliminó a Peru en match de extraordinária calidad: 4x2” exaltando o futebol brasileiro, cujo título era “Sincronismo, lujo y notable plasticidad”¹⁵.

Em compensação, a seleção uruguaia teve, segundo relatos sobre a disputa, extrema dificuldade para se classificar para as semifinais. Em partida considerada “duríssima” contra a União Soviética, disputada em 14 de junho, no Estádio Azteca, sob um forte calor e os efeitos da altitude abalando visivelmente ambas as equipes, a vitória celeste somente ocorreu no segundo tempo da prorrogação. Com uma jogada do ponta-direita Cubilla a três minutos do final do tempo extra, o atacante Espárrago, que havia entrado aos treze minutos do tempo suplementar, acertou uma potente cabeçada que definiu a classificação uruguaia para continuar na competição¹⁶. Estas reportagens, ao contrário das que mencionamos acima, se utilizam daquilo que podemos chamar de “jornalismo investigativo”, com predomínio de informações “técnicas” e um tom mais “impessoal” e “distanciado”.

Quatro grandes potências mundiais alcançaram as semifinais. Três bicampeões, Brasil, Itália e Uruguai, que ansiavam conquistar a posse definitiva da Jules Rimet e a Alemanha Ocidental que havia ganhado o torneio em 1954 e era a vice-campeã de 1966. É destacada a grande possibilidade do surgimento do primeiro tricampeão mundial: “De los cuatro, tres van por la “Rimet” en propiedad. Uruguay ante Brasil y Itália con Alemania”¹⁷.

A presença sul-americana nas semifinais é exaltada pelos uruguaios, sendo assinalada como uma resposta a FIFA que, segundo a visão uruguaia, preferia os europeus nos Mundiais como podemos verificar no comentário abaixo:

Superación de los sudamericanos – Justicia es señalar la superación de los sudamericanos. Hace cuatro años uruguayos e argentinos fueran eliminados en los cuartos de finales por Inglaterra y Alemania. No pasaron de las serie preliminares Brasil y Chile. Ahora la situación es

¹⁵ Jornal “El País”, Nº 16.771; 15/06/1970, p. 1.

¹⁶ Jornal “El País” – Edição especial – *Historia de los Mundiales de Fútbol*. Fascículo 9 - 02/03/1990, p. 315.

¹⁷ Jornal “El País”. Nº 16.771: 15/06/1970, p. 6.

diferente y Sudamérica ha sido la atracción, lo que, sin duda, ha perturbado a FIFA¹⁸.

Entretanto, com a definição dos confrontos, o discurso dos jornalistas uruguaios em relação à seleção brasileira que era extremamente positivo, passa a ser provocador e contestador.

Primeiramente, uma decisão da FIFA que mudou o local da realização da partida para o Estádio Jalisco em Guadalajara ao invés do Azteca causou indignação nos jornalistas uruguaios que acusaram o Presidente inglês Stanley Rous de estar favorecendo o Brasil, pois a seleção brasileira permaneceria em sua sede, onde estava completamente adaptada e identificada com o imenso apoio popular dos mexicanos e onde havia disputado suas quatro partidas vitoriosas.

O cronista Luis Esteva Rios, que escrevia matérias permeadas por um tom de “encantamento” pelo futebol brasileiro, publica uma crônica indignada cujo título foi “Los Norteños seguirán siendo locatários”¹⁹, onde acusa a FIFA de ter cedido a um pedido dos dirigentes brasileiros, contrariando o regulamento e beneficiando a preparação física da seleção rival, que ganharam um dia a mais de descanso e a manutenção da torcida local.

De fato, segundo as fontes jornalísticas e as publicações oficiais da FIFA, a partida estava marcada previamente para ser realizada no Estádio Azteca, com os italianos enfrentando os alemães em Guadalajara. A mudança do local da partida, em decisão contestável, apesar de a campanha brasileira ter sido considerada superior, ajudou a acirrar os ânimos e a retomar o sentimento de rivalidade entre as duas potências sul-americanas, além de ter sido utilizada posteriormente como justificativa para a derrota.

É importante destacar que o jornal registrou, inclusive, que diversos jornalistas e torcedores brasileiros chegaram a viajar para a Cidade do México após a vitória sobre o Peru, pois a expectativa é que a partida seria realizada na capital mexicana²⁰.

¹⁸ Jornal “El País”, N. 16.772: 16/06/1970, p. 4.

¹⁹ Jornal “El País”, N.º 16.772: 16/06/1970, p. 4.

²⁰ Jornal “El País”, idem. Pretendemos, em outra ocasião, coletar jornais brasileiros desta data com o intuito de verificar a ocorrência de registros semelhantes.

Em uma edição especial do Jornal “El Pais” de 1990 “Historia de los Mundiales de Fútbol”, no fascículo 9, específico sobre a Copa de 1970, a questão ainda é ressaltada e relatada da seguinte forma:

Entonado por su triunfo sobre la URSS que abrió su acceso a las semifinales, Uruguay aceptó - de mala gana, porque le asistían razones para su disconformidad – un injusto traslado a Guadalajara, de donde Brasil – con anuencia de Stanley Rous – resolvió no moverse. Allí había disputado el “scratch” sus cuatro victoriosos encuentros hasta ese día 17 de Junio, y defendió la cábala de su permanencia en el lugar pese a que debía haber viajado a México DF para enfrentar a Uruguay²¹.

Neste sentido, observamos que o tema continuou gerando matérias desfavoráveis ao Brasil na imprensa uruguaia duas décadas após o ocorrido. Ao lembrar a partida realizada na Copa de 1970, a imprensa uruguaia destaca este fator como algo que pudesse explicar a vitória da seleção brasileira nas semifinais. Não encontramos registros semelhantes nas narrativas sobre a Copa de 1970 em jornais Brasileiros²².

Apesar dos diversos protestos realizados pela imprensa e pela delegação uruguaia sobre a alteração no local da realização do jogo²³, na edição do dia da semifinal, o assunto mais recorrentes no jornal “El Pais” vai ser a memória da final de 1950.

Diversos artigos e matérias específicas com jogadores que disputaram o “Maracanazo” vão ocupar as páginas do jornal na data da partida. Em reportagem especial feita com Obdulio e Schiaffino, o capitão e o autor do gol que empatou a final no Rio de Janeiro, observamos que, apesar deles afirmarem claramente que o Brasil era favorito, a mensagem jornalística e as manchetes estampadas remetiam o leitor para a “mitológica” final de 1950,

²¹ “El Pais” – Edição especial – *Historia de los Mundiales de Fútbol*. Fascículo 9 – 02/03/1990, p. 317.

²² Para uma análise sobre a seleção brasileira de 1970 nas Copas de 1998 e 2002 em jornais brasileiros, ver Helal, Soares e Santoro (2004).

²³ Interessante observar que a imprensa argentina, que até este confronto tecia diversos elogios ao selecionado brasileiro, passa a dar um destaque grande a este fato. Para uma análise sobre a imagem do futebol brasileiro na imprensa argentina, ver Helal (2007).

como uma forma de se “inventar uma tradição” e aumentar a expectativa de uma vitória sobre o Brasil²⁴.

Enquanto letras garrafais anunciam: “Obdulio: Mantenemos nuestra tradicion” e Schiaffino “Brasil es favorito pero....”²⁵ ao analisarmos atentamente as declarações dos antigos campeões de 1950, observamos que eles consideravam difícil o Uruguai ganhar do Brasil.

O capitão uruguaio na Copa do Brasil não acreditava nem que o Uruguai passaria das oitavas-de-final:

No pudo echarme atrás con que había dicho. Pensé que no pasábamos de los octavos de final. Sin embargo, ya lo ve. Mantenemos la tradición de hacer lo increíble. Sé que habrá dificultades y grandes porque ellos andan muy bien, pero aguardo ahora, que el milagro siga su curso... La mozada oriental parece que está agrandada²⁶.

A narrativa mistura respeito pelo Brasil com “tradição de fazer o incrível”, uma alusão à final de 1950. Centrada no depoimento do capitão daquela partida, a narrativa ganha uma dimensão simbólica ainda maior, remetendo o leitor à façanha de 20 anos antes.

O meio-campo Schiaffino, autor do primeiro gol na final de 1950, diz o seguinte:

Usted me pide un parangón con 1950 y yo le contesto que aún con limitaciones adelante había jugadores que en cualquier momento podían definir como Miguéz y Ghiggia, por ejemplo. Sin ser el de antes, Pelé sigue comandando en el ataque brasileño. Y tiene a su lado valores jóvenes con velocidad, discernimiento y efectividad. Para contrarrestarlos habrá que amontonar gente en el medio de campo. Pero? Y después? No veo jugadas claras en la ofensiva uruguaya. Se llega a los empujones²⁷.

²⁴ Sobre “tradição inventada”, ver Hobsbawn in Hobsbawn e Ranger (2002).

²⁵ Jornal “El País”, Nº 16.773; 17/06/1970.

²⁶ Idem.

²⁷ Id. Ibidem.

Notemos que o depoimento é favorável ao Brasil e que a comparação com 1950 tende a ser rejeitada. Enfatiza-se que, para enfrentar a seleção brasileira, deve-se “amontoar” o meio de campo com jogadores²⁸. No entanto, abaixo da reportagem com os dois ex-jogadores que participaram da final, uma pequena nota referindo-se a um terceiro jogador daquela partida, o ponteiro-direito Alcides Ghiggia, autor do segundo gol na final de 1950, alardeia que ele encontrava-se naquele dia no Brasil, fato que poderia ensejar supersticiosamente boa sorte para a celeste olímpica:

Ghiggia: Justo hoy en Brasil.

El destino así lo quiso. Edgardo Alcides Ghiggia, el “amo” del 50, accediendo a una gentil invitación se ha trasladado a la ciudad de Río de Janeiro. Y hoy, tendrá que seguir las alternativas del emocionante cotejo acompañado de hermanos brasileños. Veinte años atrás estaba en el hermoso país pero con otras intenciones... Antes de partir, dejó dicho que si Uruguay repite lo que hizo frente a Rusia, tenía muchas posibilidades. Suerte, otra vez Ghiggia²⁹.

A lembrança de 1950 é evidente, mesmo quando os jornalistas ou os entrevistados evitam a comparação com aquela partida. A simples presença de Ghiggia no Brasil é destacada como uma forma de rememorar a partida mitológica e, assim, criar um sentido de que o destino estaria a favor do Uruguai. É como se o peso simbólico daquela partida pudesse ser capaz de vencer as possíveis adversidades técnicas encontradas no confronto.

De uma forma geral, as matérias tendiam a negar a comparação com a final de 1950. No entanto, o simples registro desta negação é uma maneira de rememorar aquela partida. Lembra-se negando. Um exemplo claro desta “negação” como “lembrança” foi observada em artigo escrito por Alberto Montaña, sob o título “Todo está en frenar a esa excelente delantera”, onde

²⁸ Curioso notar que esta maneira de jogar, com vários jogadores ocupando o meio de campo, era vista por argentinos e uruguaios como o estilo de jogo de seu principal antagonista – o futebol inglês – na “construção simbólica de seu futebol”. Ver, uma vez mais, Helal (2007).

²⁹ Jornal “El País”, Nº 16.773; 17/06/1970, p. 3

faz um comentário “indignado” frente ao fato da partida ser anunciada por outros jornalistas como uma revanche de 1950:

Los diarios mexicanos sostienen que Brasil procura vengar lo de Maracanã. Eso es absurdo. Esto hoy no tiene nada que ver con aquello del 50. Para poder hablar de desquite de competencia tendría que ser en una final mundial, jugarse en Montevideo y ganarnos Brasil. Solo así se podría hablar de revancha³⁰.

O registro daquela final, ainda que sob protesto do jornalista, aciona a memória. De fato, os jornalistas uruguaios, apesar de resgatarem a memória do “Maracanazo”, buscando depoimentos de ex-jogadores e até registrando a presença no Brasil do autor do gol da vitória, como vimos acima, tendiam a não aceitar a comparação entre as partidas. Esta dubiedade entre negar a comparação com a final de 1950 ao mesmo tempo em que se remete a ela todo o tempo foi predominante nas matérias na véspera do confronto em 1970. Entendemos que, na negação com a comparação, aquela partida está presente.

Observamos também que foi registrado na véspera do jogo que os jornais brasileiros estariam se referindo a esta partida como uma revanche em uma reportagem intitulada: “Hemos aguardado Veinte años para este Gran Cotejo”³¹ que reproduzia algumas manchetes e notícias veiculadas em periódicos brasileiros. O registro sinaliza claramente o acionamento da memória de 1950.

Ainda na mesma edição, uma matéria com o correspondente Luis Esteva Rios feita na concentração brasileira, fala da expectativa de jogadores como Pelé, Gérson, Félix e até do técnico Zagalo em relação a enfrentar o Uruguai. As respostas dos jogadores brasileiros são evasivas. Pelé, por exemplo, fala mais do fato de que este é o seu último mundial e que deseja sair campeão, mas as manchetes da reportagem utilizam-se de frases dos jogadores descontextualizadas para ensejar uma suposta preocupação no selecionado brasileiro, sempre como uma referência, ainda que subjacente, à

³⁰ Id. *Ibidem*.

³¹ Jornal “El País”, N°16.772. 16/06/1970, p. 4.

final de 1950. Como por exemplo: “Los brasileños confiados, pero cautelosos. No Queremos Hablar... Por experiencia. Toda Precaución es Poca”³². O jornalista uruguaio responsável pelas entrevistas induz os jogadores brasileiros a falarem sobre o confronto de 1950 e buscam valorizar breves depoimentos que possam remeter a esta partida. Para Pelé o questionamento é direto, perguntando se a partida seria uma revanche, apesar dos mesmos jornalistas negarem em matérias anteriores esta comparação.

O mesmo jornalista, Luiz Esteva Rios, ao entrevistar o ex-jogador Zizinho, craque da seleção de 1950, reforça o resgate da final da Copa do Mundo no Brasil em matéria registrada no dia da partida e cuja principal manchete era “Tan difícil como en Maracanã” e na qual apresentava o jogador com “uno de los grandes derrotados por Uruguay em 1950”. Veja abaixo trechos da entrevista com Zizinho que estava trabalhando como correspondente do Jornal do Sports em 1970:

- No pesará el pasado? El recuerdo de Maracanã hace 20 años.
- Las cosas cambiaron.
- Por que perdió Brasil.
- Nosotros y Uruguay teníamos muy buenos equipos. Talvez mejores que ahora. No olvido a Schiaffino, Julio Perz, Gambetta, Ghiggia y especialmente a Obdulio Varela que en la cancha era rival implacable pero fuera, era un gran amigo. Perdimos ante excelente conjunto, pero al margen de ellos también intervino la mala organización que entonces teníamos. Veinticuatro horas antes del partido no pudimos descansar. La concentración de San Januário estaba repleta de políticos, visita de toda naturaleza, menos de fútbol³³.
- Pensó en la cancha que perdían?
- Nunca pensé eso en un campo.

³² Idem.

³³ O fato de terem mudado o local da concentração brasileira do Alto da Boa Vista para São Januário às vésperas da final de 1950 para a recepção de candidatos a presidência da República e outras autoridades foi muito questionada pelos jogadores brasileiros após a derrota. Para um detalhamento dos depoimentos dos jogadores brasileiros ver Moraes Neto (2000).

- La responsabilidad no habrá sido también un enemigo?
- No.
- Le costó olvidar lo Maracanã?
- No he podido olvidarlo. Siempre alguna pregunta surge y ahora, en lo previo al partido con Uruguay, todos vuelven al pasado a través mío³⁴.

É sintomático o fato do jornal ter deixado para publicar esta entrevista com o craque brasileiro da Copa de 1950 justamente no dia da realização do confronto, aumentando a carga dramática do confronto e remetendo ao êxito uruguaio no passado. Observemos também que as perguntas são totalmente direcionadas para resgatar a memória do “Maracanazo” para os leitores uruguaios.

Em suma, a busca da valorização do estereótipo da raça “charrua”³⁵, encarnada, sobretudo na vitória de 1950, além das reclamações sobre a mudança da partida para Guadalajara, estabelecem o contexto das reportagens e artigos nos dias anteriores ao confronto sul-americano para se chegar à final da Copa do México.

3. A “construção” da derrota” e a “identificação” com o rival

A capa do suplemento esportivo no dia 17 de junho de 1970 estampa em letras grandes “Uruguay y Brasil en otra histórica jornada”, com uma foto da seleção uruguaia perfilada antes de uma partida e uma montagem na qual o zagueiro Ancheta está junto com Pelé, porém o seu tamanho é maior e ele está segurando uma bola que Pelé não alcança. Além disso, nesta parte, onde as fotos dos dois jogadores estão justapostas, aparece um breve texto: “CIENCIA Y SEGURIDAD. Atílio Ancheta, dueño y señor del área. Valor que rayó a grand altura en el bando celeste. Pelé, el formidable, el virtuoso. Dos colosos que estarán frente a frente en la sensacional lucha de esta tarde”³⁶.

³⁴ Jornal “El País”, Nº 16.773. 17/06/1970.

³⁵ O termo “charrua” designava uma tribo indígena do Rio da Prata e é associado, no Uruguai, à garra, valentia e bravura.

³⁶ Jornal “El País”, Nº 16.773. 17/06/1970, p. 1.

A interpretação do simbolismo desta capa possibilita verificar a importância histórica atribuída pelos uruguaios a esta partida, bem como a esperança de que a “força defensiva” da equipe³⁷ levasse mais uma vez a seleção a uma vitória grandiosa, superando o “formidável” e “virtuoso” Pelé.

A partir da crônica de Alberto S. Montaña intitulada “Los brasileños brillaron en el segundo tiempo”³⁸ descreveremos sucintamente fatos da partida que refletem a visão geral uruguaia sobre a disputa.

Cerca de 40.000 espectadores no sol abrasador do Estádio Jalisco, cuja maioria era de mexicanos entusiasmados com a seleção brasileira, presenciaram aos 19 minutos do 1º tempo o ponteiro-direito Cubilla abrir o marcador para os uruguaios.

Lo mejor del ataque uruguayo estuvo en Cubilla que operando tanto por la derecha como por la izquierda, demarcándose, pisando en el balón, en una palabra enloqueciendo la defensa brasileña con su juego endiablado, tuvo notable gestión que culminó con el gol que abrió para los celestes esperanzas que lamentablemente no tuvieron concreción al final³⁹.

Na primeira etapa, o Brasil não apresentava um bom futebol e seu meio-de-campo era facilmente anulado pela dura marcação uruguaia, tanto que a primeira defesa do goleiro Mazurkiewicz, conhecido com “El Polaco” somente ocorreu aos 28 minutos: “Fue excelente la actuación de los uruguayos hasta la media hora de juego. Puede afirmarse que Brasil se vio completamente impotente, borrado completamente de la cancha en personalidad, talento y creación de jugadas”⁴⁰.

Porém, a partir dos 30 minutos, o Brasil começa a ter mais posse de bola, executar melhor as jogadas e no término do período inicial, em uma

³⁷ Não estaríamos diante de atributos do “outro” inglês na construção simbólica do futebol uruguaio? Ou seja, não estariam os uruguaios mudando sua identidade, incorporando atributos de seu antagonista – o futebol inglês - para enfrentar a seleção brasileira?

³⁸ Jornal “El País”, Nº 16.774, 18/06/1970, p. 2. A crônica de Montaña foi a mais detalhada sobre a partida e com maior espaço no jornal.

³⁹ Idem. Ibd.

⁴⁰ Idem. Ibd.

trama no meio-de-campo, Clodoaldo entra de surpresa e empata o jogo. O fato de o marcador ter sido igualado ainda no primeiro tempo foi muito lamentado pela imprensa uruguaia.

En los últimos quince minutos Brasil empezó a respirar mejor, mientras Uruguay, sin jugar mal, pareció acusar los efectos del calor y del excesivo esfuerzo realizado. Aún así parecía que el primer tiempo sería de los celestes por la mínima diferencia, pero cuando ya se jugaban los descuentos vino el empate ante sorpresiva entrada de Clodoaldo, que puso el tanteador en una igualdad que no era totalmente justa⁴¹.

O segundo tempo foi dominado pelo Brasil, porém a partida permaneceu difícil e os gols foram marcados no final, Jairzinho aos 30 e Rivelino faltando dois minutos para o término do jogo selaram a importante vitória brasileira que possibilitou a classificação para a final.

En la etapa de complemento Brasil se adueño del medio campo, estando Clodoaldo, como los últimos quince minutos de la etapa inicial brillante. Tuvo a su lado a Gerson que lo secundó magníficamente, mientras Pelé se mantenía cerca y Rivelino entró a jugar adelante. Además, cuando en la punta derecha Jairzinho entró en juego, fue un peligro visible y permanente desbordando siempre a Mujica y aflojando a Matosas poco a poco en la cobertura⁴².

Outras reportagens analisadas posteriores ao certame também ressaltam o domínio uruguaio no primeiro tempo, um suposto cansaço da equipe na segunda etapa, valorizam a técnica da seleção brasileira, porém retomam enfaticamente a questão da mudança da sede como tendo sido um dos fatores determinantes para a derrota celeste.

Podemos destacar algumas manchetes da edição do caderno esportivo do dia 18/06/1970 que denotam estas posições: “Cayó Uruguay: 3 a 1. Brasil e Itália finalistas. pág 1”; “Uruguay arrolló en la primeira media hora. pág 2”;

⁴¹ Jornal “El País”, Nº 16.774, 18/06/1970, p. 2.

⁴² Idem.

“El cansancio hipotecó nuestra chance. pág 2”; **“Esta derrota fue decretada por la F.I.F.A. pág 4”**; “Cdor. Fernandez: **Estoy seguro que em Azteca no perdíamos. pág 4**”⁴³ (grifos nossos).

A memória de 1950 é resgatada em alguns comentários para justificar a inércia da equipe brasileira nos 30 primeiros minutos de jogo como na manchete da página 3 “Brasil entró a jugar con complejos” e no referido artigo de Alberto S. Montañó sobre a partida:

Incluso el elemento psicológico jugó un importante rol en esa ventaja que los celestes mantuvieron hasta el final del primer tiempo. Se sabía que el team brasileño sentía aún el impacto de hace veinte años y que pese a su indiscutible categoría técnico táctica había factores que podrían hacer tambalear su fortaleza⁴⁴.

Apesar das lamentações sobre a mudança da sede, sobre o gol sofrido em um momento “inoportuno” no final do primeiro tempo e das suposições de nervosismo do selecionado brasileiro em enfrentar os uruguaios, os jornalistas uruguaios reconhecem a vitória brasileira, e a partir de então demonstram que estão “torcendo” para uma vitória do Brasil que representaria acima de tudo uma vitória “sul-americana”. A objetividade jornalística é deixada em plano secundário tanto nas matérias antes da partida como nas reportagens após o confronto.

Em matéria do dia 18/06/70, a final entre Brasil e Itália é descrita da seguinte forma: “El sensacional match se disputará en el Azteca a las 12hs (15hs de Uruguay). Siendo una verdadera lucha entre América y Europa por adjudicarse la victoria definitiva”.

Após a vitória do Brasil sobre a Itália por 4 x 1 no Estádio Azteca, as matérias do dia 22/06 exaltam o futebol brasileiro reverenciando o talento dos jogadores e ressaltando a posse definitiva da Jules Rimet com o tricampeonato. Algumas manchetes em destaque: “Se salvó el Fútbol: Se impuso el talento”; “La exhibición culminante fue realmente estupenda”; “Indudablemente la fuerza bruta ha quedado atrás”⁴⁵.

⁴³ “El País”, Nº16.774, 18/06/1970.

⁴⁴ “El País”, Nº 16.774, 18/06/1970, p. 2.

⁴⁵ “EL País”, cad. Esportivo, 22/06/1970

Sobre a conquista do símbolo maior do futebol mundial até então, um cronista chamado Pepe Vinacho escreverá uma bela crônica intitulada “A la final, La rubia Julieta se fue con el Romeo Grone” descrevendo as andanças da taça famosa pelos países visitados e relatando os encontros a cada quatro anos nas Copas do Mundo metaforicamente como casos de amor de uma bela loura chamada Julieta que acaba terminando seus flertes amorosos com o grande Romeu Pelé:

Quando sonó el último de los pitidos, el que le anunciaba a Brasil que estaban todas las cuotas al día pa' embalar la copeja, Pelé, el único, el incomparable, se mandó una vuelta en andas por el Azteca, se peló la camiseta verde-amarela con el numero 10 p' colgarla en la percha de los Mundiales, besó la crucecita con la que rezó por la vuelta de su amor... y chapó a la rubia Julietta pa' llevársela por siempre a su patria. La “Julli” rendida a los pies del moreno, también agitó el pañuelo pa' decir un “Chau” a los Mundiales”. Se marchó junto a su dueño indiscutido, el que la embobó con sus goles, con su genio de la talope..., el que la enganchó con la magia de su sonrisa y le dio un lugar en la C.B.D.⁴⁶.

Assim sendo, a admiração dos uruguaiois pelo futebol brasileiro praticado na Copa de 1970 transcendeu o arrefecimento das rivalidades provocadas durante a disputa por uma vaga na final e se concretizou em uma torcida explícita contra a Itália.

É importante destacar que nem mesmo a indignação uruguaia quanto à mudança da localização da partida semifinal, ou a visão externa de que a seleção de 1970 estaria vingando a derrota de 1950 fizeram com que os jornalistas do “El Pais” deixassem de enaltecer o futebol brasileiro elevando-o a um grandioso representante da escola sul-americana, forjando assim uma identidade futebolística comum⁴⁷.

⁴⁶ “El Pais” – Edição especial – Historia de los Mundiales de Fútbol. Fascículo 9 – 02/03/1990, p. 322.

⁴⁷ Interessante observar que a narrativa da imprensa argentina a respeito desta final é bem semelhante. Sobre a ótica argentina em torno da seleção brasileira de 1970 ver Helal in Gastaldo e Guedes (2006) e Helal in Grimson (2007).

De esta manera, Brasil obtenía su tercer Campeonato Mundial. Once fenómenos confundidos en el abrazo de la Copa en propiedad. Un estadio que los ovacionaba, un rival que caballerescamente los felicitaba. Todo un país que alargaría el festejo hasta la salida del sol siguiente día; y todo un continente que los aplaudía porque lo habían representado como nadie pudo hacerlo mejor⁴⁸.

Considerações finais

A semifinal de 1970, disputada entre as seleções do Brasil e Uruguai, representou na ótica do “El País” um novo momento histórico onde o resgate da simbologia do confronto entre as duas nações é característica marcante e evidente.

É possível perceber que antes do cruzamento em um jogo que definia a vaga na final do torneio, a imprensa uruguaia apreciava o futebol apresentado pelos brasileiros destacando, sobretudo, o potencial ofensivo da equipe e a “genialidade” de alguns jogadores, principalmente Pelé.

Entretanto, com a necessidade da disputa, o discurso é reestruturado, buscando resgatar na memória coletiva as façanhas do futebol uruguaio na primeira metade do século XX, principalmente a vitória sobre o Brasil na final realizada no Maracanã em 1950, por meio de uma exaltação nacionalista da raça “charrua” e da possibilidade de superação do “povo uruguaio” ante as dificuldades.

Desta feita, a controversa decisão da FIFA em alterar o local da realização das partidas semifinais, fato que possibilitou a permanência do Brasil em Guadalajara, ensejou artigos e reportagens inflamadas que aumentavam o sentimento de rivalidade e construíam um contexto simbólico de luta nos dias anteriores à realização do jogo.

A descrição da partida remete às dificuldades encontradas pela equipe celeste devido à mudança de estádio e revive a memória de 1950 para explicar o domínio uruguaio nos trinta primeiros minutos, porém aceita futebol praticado pelos brasileiros, principalmente na segunda etapa.

Assim sendo, após a derrota, os jornalistas uruguaio voltam a “torcer”

⁴⁸ “El País” – Edição especial – Historia de los Mundiales de Fútbol. Fascículo 9 – 02/03/1990, p. 319.

para o Brasil, elegendo a seleção brasileira como uma representante legítima da América do Sul, e valorizando nosso futebol, fato que servia também para que a campanha uruguaia durante a Copa do Mundo fosse exaltada.

A vitória brasileira na final é enaltecida pelos uruguaios, que praticamente esquecem o contexto de confronto e a memória de 1950 construídos nas vésperas da partida do dia 17 de junho de 1970 e celebram uma vitória do “talento” e da “técnica” sobre o que eles consideravam a força bruta européia.

Isto posto, é interessante observar como o discurso da imprensa pode se transformar em função de uma conjuntura específica ao analisar uma partida de futebol. A rivalidade e as particularidades dos confrontos entre *Brasil e Uruguai demonstram que o acionamento da memória está muito presente em disputas importantes entre ambos os países.*

Se a subjetividade e as dificuldades de distanciamento são maiores no jornalismo esportivo, isto pode se exacerbar em torneios importantes como nas Copas do Mundo. O que seria uma “simples” partida de futebol pode adquirir contornos dramáticos no discurso jornalístico e servir de subsídio para que possamos investigar o olhar do outro e verificarmos como valores construídos pela imprensa influenciam a “construção” da memória e de elementos de identidade coletiva nacionais.

A análise do jornal “El País” sobre a partida Brasil 3 x 1 Uruguai e sobre a seleção brasileira durante a Copa do México é apenas mais um exemplo de como o futebol pode ser abordado e reconfigurado simbolicamente em um curto espaço de tempo e como ele está presente no senso comum e na memória coletiva das nações.

Referências

CABO, A.V. 2007. Copa do mundo de 1950: Brasil X Uruguai – uma análise comparada do discurso da imprensa. In: MELO, V.A. (Org). *História Comparada do Esporte*. Rio de Janeiro: Shape.

GASTALDO, E.L. 2006. Os campeões do século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. In: GASTALDO, E.; GUEDES, S.L. (Orgs.). *Nações em campo: copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto.

HELAL, R. 2007. 'Jogo bonito' y fútbol criollo: la relación futbolística Brasil-Argentina en los medios de comunicación. In: GRIMNSON, A. (Org.). *Pasiones nacionales: política y cultura en Brasil y Argentina*. Buenos Aires, Edhasa.

HELAL, R. 2006. Jogo bonito versus fútbol criollo: imprensa e 'olhar' argentino sobre nosso futebol. In: GASTALDO, E.; GUEDES, S.L. (Orgs.). *Nações em campo: copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: Intertexto.

HELAL, R.; SOARES, A. 2005. O declínio da pátria de chuteiras: imprensa, futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002. In: PEREIRA, M.; GOMES, R.; FIGUEIREDO, V.L.F. (Orgs.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Idéias & Letras.

HELAL, R.; GORDON, C. 2002. A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI. *Eco-Pós – Publicação da Pós-Graduação em Comunicação e Cultura*, vol. 5, número 1.

HOBBSAWN, E.J. 2002. Introdução: a invenção das tradições. In: HOBBSAWN, E.; RANGER, T. (Orgs.). *A invenção das tradições*. Paz e Terra: 2002.

MORAES NETO, G. 2000. *Os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Objetiva.

PERDIGÃO, P. 1986. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L&PM.

SOUTO, S. 2002. *Imprensa e memória da Copa de 50: a glória e a tragédia de Barbosa*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Imagem e Informação da Universidade Federal Fluminense. Inédito.